

M. E. P. E. S.

**MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO**

ESTRUTURAS DA ESCOLA DA FAMÍLIA AGRÍCOLA

participação dos pais
alternância
ambiente educativo

SEMINÁRIO MINISTRADO PELO

Sr. Jean Charpentier

DE 04 à 07 DE NOVEMBRO DE 1975

VITÓRIA — ESPÍRITO SANTO

ESTE TRABALHO É DEDICADO AOS
MONITORES DAS ESCOLAS DA
FAMÍLIA AGRÍCOLA DO BRASIL.

Ednys Antonio Orlandi

Paolo Nosella

Valentim Augusto Marinato.

Á P R E S E N T A Ç Ã O

Prezados Monitores e amigos da Escola da Família Agrícola do Brasil, o presente trabalho é fruto de um Seminário que nosso amigo, Sr. Jean Charpentier deu para nós no ano passado.

Os temas e as idéias apresentadas foram tão ricas e sugestivas que seria uma pena deixá-los somente à lembrança de cada participante. Era preciso registrar tudo o que se passou naquele encontro. Para isso recolhemos as notas e as ordenamos da melhor forma possível. Evidentemente o estilo do documento será defeituoso e também - tivemos que correr o risco de contar certas idéias ou expressões por que não é possível traduzir toda a riqueza da expressão oral para a expressão escrita. Justamente por essa razão a presente regis-tração terá mais sentido para os que participaram do Seminário. Para os outros também, em todo caso, essas páginas poderão ser ricas de idéias e estímulo para a ação. Para o C.F.R. (Centro de Formação e Reflexão) esse material será precioso em vista do Curso de Metodologia da EFA.

Agradecemos aos participantes e de forma toda especial ao Sr. Jean Charpentier que esperamos ter entre nós mais vezes.

Paolo Nocella

Ednys Antonio Orlandi

Valentim Augusto Marinato.

PRIMEIRO TEMA

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

SUMÁRIO

- I - FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: A Educação como desenvolvimento do jovem e da Comunidade.
- I.1. A função da Família
 - I.2. As Deficiências da Família
 - I.3. A Intereducação, a mudança e o diálogo
- II - ESTRATÉGIA DA PARTICIPAÇÃO: Como realizar a participação?
- II.1. O Processo Educativo
 - II.2. As Estruturas
 - II.3. Os Papéis
- III- A NOSSA EXPERIÊNCIA: Situação dos Monitores (Análise e propostas de solução).
- IV - CONCLUSÃO FINAL.

I - FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: A Educação como desenvolvimento do jovem e da Comunidade.

I.1. FUNÇÃO DA FAMÍLIA: O jovem, entre 0 a 16 anos se constitui a pessoa, e mais ainda entre 0 e 5/6 anos, portanto o papel da família é decisivo: gostando ou não gostando. Pode ser que a família não tenha preparação, mas não há outra alternativa, senão ajudá-la para que se prepare.

Os fatores de desenvolvimento da pessoa: Para crescer, o jovem precisa de um certo ambiente humano que podemos definir a partir das suas necessidades:

- * físicas
- * afetivas
- * intelectuais
- * sociais.

I.1.1. Físicas: O jovem tem que desenvolver-se e tomar contacto com o mundo exterior progressivamente, passando duma proteção total (o seio da mãe) até autonomia total do adulto. Tem que passar por uma série crescente de aprendizagem (comer, falar, caminhar, dormir, etc...) que representam ao mesmo tempo um domínio crescente de suas faculdades psico-motoras.

O ambiente ideal para tal aprendizagem é um grupo reduzido (um mini-universo) onde a relação afetiva garantirá a qualidade da atuação física.

A experiência mostra que a atenção física que se dá em organizações grandes (quarteis, internatos) apesar de serem organizações mais perfeitas (em teoria) não realizam as condições ótimas.

I.1.2. Afetivas: Neste setor mais do que tudo se precisa um grupo pequeno, unido, atento ao jovem. O grupo grande não permite a intimidade, a atenção pessoal e permanente.

I.1.3. Intelectual: É o mesmo fenômeno que os dois precedentes. O despertar intelectual precisa progressão, atenção pessoal, afeição...etc.

I.1.4. Sociais: Também a aprendizagem da vida social deve ser progressiva, partindo de um grupo pequeno. Além disso a pessoa precisa durante toda a sua vida uma relação interpessoal permanente, segura, profunda, que lhe permita enfrentar a vida social - com segurança.

Conclusão:

Ampliando o que já afirmamos, podemos dizer que: A pessoa, para desenvolver-se precisa de um ambiente reduzido, estreitamente: física, afetiva, intelectual e socialmente. A família representa normalmente este ambiente. Se não existe devemos incentivá-la.

I.2. DEFICIÊNCIAS DA FAMÍLIA: Nossa conclusão não quer dizer que a família tenha a preparação perfeita para realizar estas tarefas (apesar de que, até sem preparação, educa melhor que as instituições sociais).

A preparação insuficiente, tem três razões:

- I.2.1. Nenhum grupo é naturalmente perfeito. Deve haver um esforço permanente para melhorar e realizar suas potencialidades.
- I.2.2. O dinamismo da história dos homens faz que permanentemente o grupo deve adaptar-se a novas realidades. Se fica imóvel, não responde mais as novas necessidades e pode até morrer.
- I.2.3. No mundo ocidental, observamos uma tendência crescente até hoje: - A concepção do saber que tem a classe dirigente de um saber "letrado", expressando numa linguagem complicada, sem relação direta com a realidade. Dentro desta perspectiva, o povo é ignorante; para instruir as pessoas, deve-se tirá-las do povo e instruí-las em uma escola, entre pessoas sábias. A Igreja iniciou este movimento na idade média, mas neste momento eram muito poucas as pessoas que podiam se instruir. Esta tradição do saber clerical (Clero, não em sentido de padre, mas sim de pessoas que sabem letras) segue com a emancipação dos leigos: renascimento, enciclopediano, liberalismo e munismo. Com a sociedade industrial, cada vez mais os meninos vão à escola. Ela pretende substituir a família, reconhecida bruta, incapaz, tanto para instruir como para educar. No mesmo tempo as famílias se convencem de sua incapacidade. O sonho de todos é cada vez mais mandar os filhos à escola. Com isso também a família perde o costume e parcialmente a capacidade para instruir e educar.

Por estas razões, as famílias de hoje tem deficiências para assumir a educação dos seus filhos. Para realizar e assumir a educação dos filhos tem que realizar um tríplice esforço:

- Tomada de consciência de seu papel e do processo que sofreu.
- Transformação progressiva das suas estruturas para educá-las no mundo de hoje.
- Esforço de formação e educação das mesmas famílias, para terem capacidade educativa.

Esses esforços, porém, não podem realizar-se nas famílias isoladas. Devem organizar-se em movimentos e organizações de pais.

I.3. A INTEREDUCAÇÃO, A MUDANÇA E O DIÁLOGO:

Fica um aspecto muito importante: a intereducação. A escola clássica trabalha com o filho e ignora o pai. E quando o filho, depois de seus estudos, volta a casa e quer atuar, encontra três problemas:

- O pai não conhece as técnicas e idéias novas que traz o filho. Para ele, são novidades estranhas e perigosas. Não vai aceitar as mudanças.
- O filho está convencido que o pai não sabe nada. Para ele é um ignorante, um atrasado.

- Como não se desenvolveu o papel educativo da família, também se reduziu o diálogo, até não existir mais em absoluto.

Podemos dizer então, que quando não existe um processo de intereducação familiar:

- As possibilidades de progresso, de mudança, ficam travadas e até paralizadas.
- As possibilidades de diálogo ficam muito reduzidas. Diálogo significa finalmente: desenvolvimento intelectual e afetivo.

II- ESTRATÉGIA DA PARTICIPAÇÃO: Como realizar a Participação?

Mostrar a necessidade da participação dos pais é o primeiro passo. Depois, temos que encontrar a operatividade.

Para refletir sobre isso, vamos tomar três elementos:

II.1. O processo educativo: Como os monitores podem ajudar aos pais para a sua participação e responsabilização.

II.2. A estruturas: que permitem a participação responsável.

II.3. Os papéis: Necessários para uma participação eficaz.

II.1. O PROCESSO EDUCATIVO : Os Monitores são normalmente os assessores dos pais. Vejo esta responsabilidade tão importante quanto os trabalhos nas aulas. E vamos trazer algumas condições que como temas de reflexão são condutas do monitor-animador dos pais:

II.1.1. Condições do Processo:

- A empatia- uma relação afetiva positiva, o que supõe a valorização da pessoa do campo e das comunidades.
- Uma certa Aproximação-Física e Cultural: convivência (não ficar fechado na EFA), linguagem, preocupações costumes.

II.1.2. Etapas do Processo:

- Provocar o encontro com os outros pais, monitores, etc para romper o isolamento.
- Provocar a expressão: -saber perguntar e escutar.
- Provocar o compromisso: a responsabilidade se desenvolve através do exercício da responsabilidade e por num outro meio.
- Acompanhar os esforços: não deixar as pessoas sozinhas.
- Respeitar a progressão: - No trabalho do grupo onde atuamos.
- No tamanho da ação. No começo as pessoas tem que sentir-se em segurança.

- Enfim...querer a participação e a responsabilidade dos pais. Planejar o seu tempo em consequência de: desconfiar dos mecanismos de defesa que fabricamos por medo e para e vitar o esforço.

Conclusão:

Deve-se elaborar e praticar uma verdadeira metodologia de animação para os pais.

II.2. As Estruturas: São a rede de relações, de canais que permitem a circulação e repartição da:

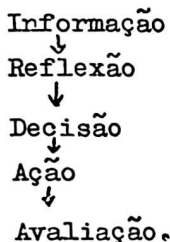
- informação e
- das decisões.

Nota-se que um elemento dem o outro é pura ilusão e fracasso. O mesmo exame das estruturas formais de uma instituição (ou seja a sua organização interna) permite fazer-se uma idéia de quem tem e não a informação e o poder. Mas deve-se analisar como funcionam estas estruturas. Uma informação deficiente, por exemplo, pode equivaler automaticamente a uma decisão tomada de cima.

Conclusão:

É preciso uma estrutura que realize a circulação e repartição das informações e das decisões. A estrutura do MEPES realiza isso? Como?

II.3. Os Papéis: Quem faz o que? - Os papéis podem reforçar as estruturas ou, ao contrário, fazê-las inoperantes. Por exemplo: o Presidente autoritário, o monitor que fala sempre ou qualquer pessoa que não sabe observar o seu papel, destroi qualquer estrutura democrática. Acontece muitas vezes que nos grupos ou instituições, a definição pode virar e viver na confusão, aí os seus membros mais situados tomam todo o poder. Em qualquer processo os papeis correspondem sempre às funções seguintes:



Dentro de cada função há dois aspectos:

- O de preparação: É um trabalho técnico, indispensável.
- O de realização: Que podemos chamar (político)

O papel de preparação das funções acima supõe metodologia e honestidade.

A qualidade da participação depende muito dele.

Como podemos definir os possíveis papéis dos pais? Distinguímos:

- responsabilidade compartilhada com os outros pais, quanto à orientação geral da educação;
- Responsabilidade econômica da manutenção da Escola;
- Responsabilidade jurídica: propriedade da escola, como entidade e conjunto material.

Conclusão geral:

Parece importante sublinhar os seguintes pontos:

- As vezes temos falado de participação, outras vezes de responsabilidade. Preferimos este último termo: participação pode sempre significar: ser consultado, utilizar os seus esforços (materiais e econômicos) sem ter informações e nem poder real.

- Se queremos que as famílias assumam o seu papel de educadores, devemos ter a responsabilidade compartilhada em todos os setores finidos mais acima.

- Evidentemente, a responsabilidade é um processo: se conquista progressivamente. Afirmamos uma vez mais que a responsabilidade se conquista no exercício da mesma. Querendo adiar sempre tal exercício por medo do fracasso, estamos fechando a porta ao processo de responsabilidade.

- Os monitores são os assessores do progresso. É um trabalho exigente, que precisa técnicas e compromissos. Dentro deste enfoque, a escola se volta ser um serviço educativo da comunidade e mão centro de ação da mesma.

III- A NOSSA EXPERIÊNCIA: A situação Psico-Pedagógica dos monitores pa
provocar a participação dos pais.

III.1. Clima afetivo Positivo: Há amizade, relacionamento com os pa
na parte técnica e sociais. Também
uma tendência infundada por parte nossa, sobre os pais de
não colaboração, principalmente no que se refere ao Plano
Estudo. É assunto que não entendem ou não estão preparado.

Proposta: Não há participação se não houver confiança mútua. Visitas
amizade, aceitação cultural. Participação de atividades relae
cionadas ao mundo agrícola.

III.2. Ativismo: Estamos demasiados dentro de nossas atividades
tidianas de EFA ou Departamentos. Nos esquecemo
que é lá fora que está a vida, os problemas. Isto será do
ão: não muito lá em sua casa e nem tampouco dentro da EF

Proposta: Dosar esta aproximação física e material de maneira que tanto
os operadores de EFA com os pais se beneficiam mutuamente.

III.3. Provocar a Expressão: Os pais falam pouco nas reuniões, nas assembléias e visitas. Nem tampouco nos preocupamos ainda em uma metodologia de atuação dos pais. Assim por exemplo: falamos em contabilidade, mas os pais não entendem o termo, aproveitamos e valorizamos mais os que se destacam de alguma maneira.

Proposta: Estudar uma metodologia de responsabilização dos pais em reuniões, visitas, assembléias, etc....

III.4. Provocar Encontro: As nossas reuniões por área quase não existem e durante as reuniões na EFA, assembléias, devido ao pouco tempo e outras necessidades, provoca-se pouco a expressão e participação para todos.

Propostas: - Acostumar os pais, dentro de uma metodologia de participação por área com assuntos à altura deles, antes de chamá-los a reuniões maiores, onde se falará de maiores problemas.

- Distribuir a equipe por área geográfica e possivelmente com uma programação que poderá ser anual, trimestral com objetivos, cronogramas e avaliação dos trabalhos.

Assuntos:

- * Educação no meio rural
- * Consciência de grupo - associação de pais.
- * Participar do desenvolvimento da comunidade.

- Concentrar os trabalhos com os pais em 3 momentos:

- o pequenos grupos
- o reuniões na EFA
- o assembléia geral na EFA.

III.5. Provocar o Compromisso: O compromisso para os pais assumirem determinadas atividades não é feito com metas claras. Trabalha-se nos conselhos administrativos mais com informações.

Notas:

- * O compromisso da EFA está nas costas do monitor, não tendo os pais o seu devido papel e lugar ainda no processo de responsabilização da Educação geral da EFA.
- * A maioria manda o seu filho por facilidade de pagamento e porque é um estudo que dá diploma.

Proposta: Reforçar a idéia de tomada de consciência no processo Educativo da EFA.

III.6. Acompanhamento: Acompanhamos os pais em visitas à EFA, com a presença de Estudo, estágios: nos aspectos técnicos

Proposta: Trabalho de reflexão sobre suas reais necessidades e levá-lo a decidir, reinvidicar conjuntamente.

III.7. Progressividade: As colocações dos problemas não são dosados suficientemente para os pais em vista de uma assunção e entendimento progressivo de assuntos da EFA.

Proposta: Trabalho em pequenos grupos e dosagens dos assuntos a serem abordados.

III.8. Querer: Se quer fazer um trabalho mais objetivo com os pais mas falta-nos um consenso geral ainda e compromisso diretamente com os pais.

Proposta: Refletir com todos os monitores, dirigentes da entidade e pais questionando os três níveis de participação dos pais, chegando a um compromisso total.

IV - CONCLUSÃO FINAL

Somos, em relação aos demais, um grupo reduzido para se concretizar sobre a operacionalidade de integração e participação dos pais dentro da EFA. Porém, contudo renovamos a expectativa de análise e reflexão sobre os três níveis de participação dos pais na EFA: primeiramente a nível individual, em segundo plano de grupo e finalmente em grupo juridicamente organizado.

Para nós é necessário convencer-nos que é a família e a vida que educa, isto em consonância com os pais, tendo o monitor um papel de animador e assessor. Fazendo, dialogando estaremos e não temos que duvidar, na trilha da promoção a qual neste momento não termina, ao contrário inicia-se o processo de promoção: o tão badalado e remexido nas nossas cucas; sendo uns mais abertamente outros duramente e também alguns não sabendo pra que lado andar.

Assim por exemplo: deram-me a responsabilidade de construir este comentário e o fiz. Pode ser que para muitos não coaduna, não importa e até desnecessário, mais o qual poderá ser avaliado por minutos, horas e dias inteiros.

Meus amigos, falemos a mesma língua, desprovidos de qualquer intencionalidade de dominação cultural, econômica, religiosa e política. Falemos em o "Homem do Campo como artífice de seu próprio desenvolvimento". E não como um ser apático, incapaz invulgar, limitado que não pode promover-se decidir-se em tomar conta daquilo que lhe pertence. A Educação de seus filhos e sua.

Não promovemos ninguém é o próprio indivíduo que se promove. Somos, em princípio animadores de promoção e não encampadores arcáicos e desraizados do verdadeiro sentido da vida.

A Cezar o que é de Cezar. E para começar, como dizia o Senhor Charpentier, descendo a ladeira e comendo umas goiabinhas "A RESPONSABILIDADE DE PARTICIPAÇÃO COMEÇA PELO EXERCÍCIO DA RESPONSABILIDADE."

SEGUNDO TEMA

ALTERNÂNCIA E PLANO DE ESTUDO

SUMÁRIO

- I - HISTÓRICO DO PLANO DE ESTUDO
- II- FUNÇÃO DO PLANO DE ESTUDO
- III- A CONCEPÇÃO ATUAL DO PLANO DE ESTUDO NA A.P.E.F.A.
- IV- FUNDAMENTAÇÃO ANTROPOLÓGICA DO PLANO DE ESTUDO
- V - CONDIÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO PLANO DE ESTUDO

I- HISTÓRICO DO PLANO DE ESTUDO

Em 1935, nasceu o sistema de alternância, sem se esperar, nasceu assim, como todas as coisas: primeiramente se procurava instruir os filhos de agricultores e tirá-los do meio ambiente, porque os sistemas e os próprios educadores eram clássicos. O ritmo de uma semana na escola e 3 semanas na propriedade foi escolhido por razões práticas e não pedagógicas.

Mais adiante, a experiência e a reflexão mostraram que este ritmo era o mais conveniente para o adolescente do meio rural.

1ª Fase: Primeiramente existia a idéia de se fazer refletir aos alunos sobre a realidade, para comparar esta realidade com o que se dizia nos cursos. Era, em outras palavras, estabelecer uma relação vida ↔ ensino com técnicas agrícolas e educação da consciência. Estes cursos tratavam essencialmente da realidade do trabalho na propriedade e das técnicas. Simultaneamente se procurou também, através da metodologia da ação católica de VER-JULGAR-AGIR a educação da consciência que também teve como - inspirador um padre.

2ª Fase: Com o crescimento das EFAs chegaram, os agrônomos e pedagogos com uma linha de: Refletir sobre a realidade técnica e do trabalho da seguinte maneira:

- Se pensou fazer monografias ou seja um estudo sobre a realidade como faziam os engenheiros durante os seus estágios com a finalidade de construir - "mini-sábios" que olhavam a propriedade do pai, por "fora" com atitudes de superioridade.

Não era o que buscava.

Os pais fundaram a EFA juntamente para não haver superioridade de ensino, onde somente um se beneficiava, mais ao contrário também a família.

Disto nasceu outra idéia de se ficar por dentro da realidade, analisando-a e refletindo-a. E neste momento nasceu o PLANO DE ESTUDO por volta de 1955, com a finalidade de o aluno descobrir a sua própria realidade. E também pouco a pouco se foi aperfeiçoando os métodos: Escolha de temas, chapeus, formar de perguntas, frase, redação definitiva e colocação em comum.

A colocação em comum tem mais ou menos 15 anos e a participação dos alunos na elaboração do P.E. tem mais ou menos 20 anos.

Este Plano de Estudo tem nesta época um caráter - profissional por razões de época e franceses:

a)- Os alunos das EFAs francesas eram quase todos de movimento de ação católica, a qual tinha uma e começou com uma pedagogia bastante semelhante: VER-JULGAR-AGIR.

b)- Na França se dava muita importância na separação da formação profissional e humana e também na formação da consciência em relação às instituições religiosas.

c)- O Plano de Estudo como toda a formação na EFA deve ser política e filosoficamente mental.

d)- Nesta formação pedagógica não se diz quase nada do porque do Plano de Estudo: Os monitores sabem como fazê-lo mas não sabem o porque.

Esta experiência se transfere para a Itália do mesmo modo. E os monitores manifestam pouco interesse pelo Plano de Estudo.

3ª Fase: Em 1963 a mesma experiência começa na África entre pessoas analfabetas e se perguntou o que se deveria fazer com as técnicas (e era a única coisa que os monitores franceses sabiam fazer e ensinar).

Isso obrigou a equipe da África e o Jean Charpentier era o coordenador a pensar em novos métodos. Mas para pensar em novos métodos tinha que se saber aonde queria chegar, O porque e para que da atividade educativa, naquela área.

Por outro lado esse porque e para que esta influenciado por uma situação concreta dos companheiros africanos.

1)- O melhoramento da expressão quase não era possível diretamente;

2)- Encontra-se grupos submersos em sua realidade: de dependência de maneira cega à cultura, dos costumes, dos velhos e dos chefes.

3)- Tal situação de dependência era o principal obstáculo.

Daí se concebeu o Plano de Estudo como uma tomada de consciência da situação e como primeiro passo para uma mudança. Então se voltou não só para as técnicas agrícolas como também para os setores políticos, religiosos e sociais, inventando-se a partir daí novas formas de realização e elaboração do PLANO DE ESTUDO.

4ª Fase: Como passaram por África muitos monitores franceses e responsáveis, esta corrente e pensamento novo sobre o Plano de Estudo teve uma influência na França, especialmente nos aspectos sociais e políticos, no curso do 3º ano.

5ª Fase: Na Argentina o Plano de Estudo foi bastante semelhante as EFAs francesas devido as primeiras orientações, os documentos, as técnicas, etc. Dava-se mais ênfase à parte técnica profissional porque a preocupação dos pais naquele momento era a formação técnica.

Depois se refletiu com os pais e deu-se um passo a frente, chegando-se rapidamente a conclusão da necessidade de uma educação mais ampla. Neste momento o Plano de Estudo integrou a vida social e política, chegando-se ao excesso do processo francês: se esqueceu da profissão e das técnicas devido aos monitores e alunos, na maioria adultos, serem motivados nos aspectos sociais e políticos.

Por estas razões os alunos mais jovens começaram a desinteressar-se do Plano de Estudo, o qual era demasiado pensado e para adultos.

II- FUNÇÃO DO PLANO DE ESTUDO:

II.1. O Plano de Estudo tem um papel fundamental na Educação dos Monitores, dos Alunos e dos Pais.

MONITORES	ALUNOS	PAIS
←	1. aprendizagem da expressão	→
←	2. motivação e interesse para o meio.	→
←	3. motivação e interesse para os cursos.	→
←	4. conhecimento do meio.	→
←	5. capacidade para analisar situações concretas,	→
←	6. tomada de consciência da nossa situação.	→

Análise esquemática a partir da nossa experiência

OS RESULTADOS	AS RAZÕES	AS PROPOSTAS
1. O desenvolvimento da expressão oral e escrita.	a exploração do P.E. dentro da EFA: correção, c.c. grafia, exploração para outros assuntos.	utilizar o máximo da comunicação de expressão de seu mundo, fazer ilustrações nas várias pastas: isso para que gostem e valorizem o seu mundo.
2. O P.E. leva interesse e motivação para a parte técnica da propriedade do que um equilíbrio da visão social, econômica do aluno, da família e da comunidade.	carencia de conhecimento da fundamentação do P.E. nos vários aspectos tanto por parte dos monitores e da própria entidade mantenedora. O técnico geralmente não tem uma abertura mais social.	Distribuir temas de P.E. de acordo com a maturidade do aluno e que dê para análise e reflexão de sua vida. Esforço do monitor em conhecer toda a área, no social e econômico, religioso e político. = Acompanhamento das Famílias.
3. Liga-se às vezes mais com a área de comunicação e E. Sociais, nas outras áreas é menos.	trabalho isolado dentro da própria equipe e dentro do movimento de EFAs. = Individualismo metodológico.	Trabalho de equipe sobre o P.E. = Saída e entrada, chegando-se a algumas interrogações necessárias ao conhecimento de sua realidade.

- | | | |
|---|--|---|
| <p>4. O meio ambiente não é refletido suficientemente para uma tomada de consciência.</p> | <p>pouca análise e reflexão onde se atua.= Falta de objetividade de temas de P.E. leva o aluno desgostar-se daquilo que faz. Falta de metodologia na aplicação, execução e exploração do P.E.</p> | <p>visitas às famílias, reuniões com os pais por áreas, possivelmente procurando analisar e refletir os mesmos. etc... Encontros de metodologia pura em EFA e por religião.</p> |
| <p>5. Apesar das falhas metodológicas, os alunos se despertaram e analisam situações a respeito de educação e do meio onde vive.</p> | <p>A convivência no grupo, faz amadurecer o jovem, a própria metodologia da EFA já que é aberta a constante diálogos.</p> | <p>Aplicar o P.E. como principal instrumento de análise e reflexão do meio e da própria vida.</p> |
| <p>6. O P.E. aplicado em nosso meio é mais para aquisição de novos conhecimentos teóricos e técnicos do que propriamente um instrumento de questionamento da própria vida do aluno, de sua família e do meio onde vive nos aspectos sociais, políticos, econômicos, geográficos e históricos.</p> | <p>Falta de acompanhamento metodológico e pedagógico. Conhecimento da própria realidade onde atua. Conhecimento da técnica, a importância do instrumento e compromisso por parte dos operadores em si. O não questionamento das atividades da EFA, em relação a aprendizagem dos alunos, participação dos pais e ambiente educativo. A não fixação de objetivos claros para os alunos, pais de alunos e ex-alunos.</p> | <p>Assessoramento metodológico por EFA e região. Animadores pedagógicos, possivelmente por região. Estudo da metodologia e pedagogia das EFAs, durante o ano em um encontro maior. Isso como semana de Aprofundamento.
<u>Nota:</u> Não se fazer outros tipos de a fundamentos antes de sabermos aplicar bem as ferramentas da EFA.</p> |

QUADRO SINTÉTICO FINAL: O P.E. encontra sua Função fundamental.

- | |
|---|
| a)- Na elaboração de instrumentos |
| 1. Aprendizagem da Expressão |
| 5. Capacidade para analisar situações concretas |
| b)- No Processo de tomada de consciência |
| 2. Interesse para o meio |
| 6. tomada de consciência |
| c)- No Processo de conhecimento |
| 3. Motivação para os conhecimentos |
| 4. Conhecimento do meio |

III- A CONCEPÇÃO ATUAL DO P.E. NA A.P.E.F.A.

A primeira idéia que os pais faziam sobre as EFAs era para uma formação profissional, isto porque dentro de sua análise esta formação faltava. Mas, com o tempo e especialmente com o movimento rural católico já havia crescido uma certa consciência sobre a sociedade total.

Esquemáticamente tal consciência se pode expressar-se assim:

- 1)- As pessoas não tinham consciência do mundo, do que somos, de que fazemos etc. Vivem os seus costumes sem analisá-los. Muitos destes costumes se chocam com o mundo atual e os valores que queremos promover são destruídos por estes costumes. Ex: a família patriarcal.
- 2)- Desta maneira não tem poder para atuar, pois não se tem consciência e nem instrumentos.
- 3)- Não se tem os instrumentos e informações que lhe permitem tomar consciência e atuar.

A Pedagogia da EFA se fundamenta necessariamente sobre:

1. tomada de Consciência
2. Ação
3. Métodos e conhecimentos que permitem essa tomada de consciência e Ação.

O Plano de Estudo, portanto, é ao mesmo tempo uma tomada de consciência e uma metodologia para esta tomada de consciência. Seu processo educativo assim se realiza:

Tomada de consciência	Aprendizagem	Atuação
Descobrir a minha realidade e refletí-la.	Adquirir instrumentos para a ação, para uma tomada de consciência profunda.	transformar a realidade: - transformar a minha pessoa.

IV- FUNDAMENTAÇÃO ANTROPOLÓGICA DO P.E.

1. Pessoa e Consciência: A ação e a Aprendizagem da ação.
Devemos lembrar que a ação e a aprendizagem é a mesma entre os animais, mas somente o homem se pergunta se questiona:

De onde venho?
Para onde vou?
Como se chama os elementos do universo?
Como funcionam?

No entanto para as pessoas estas perguntas tem duas dimensões: podemos chamar de consciência transcendental: é a que me faz buscar mais longe e buscar respostas perguntando-se: De onde venho, para onde vou? É a consciência terrestre horizontal. É o aqui.

Perguntando e questionando-se sobre os elementos do universo e como funcionam.

- 2. Esta consciência nasce e cresce: Como também pode não nascer. Esta consciência faz nascer e crescer a pessoa como ela é. É uma conquista: tomada de consciência. E qualquer que seja a sociedade, esta apresenta uma consciência pré-fabricada que se opõem a pessoa autônoma:

Pode ser:

- Adormecida-----desperta
- Estreita -----aberta
- Desviada-----reta

- 3. As condições do desenvolvimento da consciência:

3.1. A tomada de distância:

- Física
- Afetiva
- Intelectual.

3.2. A expressão: Dizer e analisar com mais precisão.

3.3. Dizer e analisar: É um processo comunitário. Dizer, falar a alguém e não se concebe o contrário.

3.4. Esse alguém tem que dizer-me o que é: O que sente: abrir o diálogo e dizer a alguém é a dimensão do diálogo (reciprocidade).

3.5. Viver juntos: Para existir o diálogo tem que haver uma confiança mútua, temos que nos conhecer: (o que su põe uma convivência suficiente.)

3.6. Deve haver um equilíbrio sócio-cultural para haver diálogo.

3.7. Deve haver uma disposição interna. (o apreço).

3.8. O Compromisso.

V- CONDIÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO P.E.

As condições do P.E. O P.E. é a tomada de consciência de sua realidade e para tal é preciso que tenhamos e aprendamos:

V.1. Técnicas adequadas

V.2. O conhecimento de sua fundamentação

V.3. O diálogo com:

- Pai-----filho
- Pai-----Monitor
- Monitor-----Alunos.

Não há educação sem tomada de consciência e o plano de Estudo em princípio tem e deve provocar essa tomada de consciência da realidade total: familiar, profissional, econômica, política, religiosa. E com isso provoca-se a aprendizagem, dando-se o primeiro passo para o desenvolvimento. E dentro desta tomada de consci

ência o monitor tem o papel de empurrar o processo de aprendizagem , conhecendo os agricultores, o meio ambiente, e descobrindo temas de Plano de Estudo da realidade como ela é.

Por último chamamos o monitor de o mecânico do processo porque é ele que conduz, elabora, conserta, orienta e adapta o processo a ele mesmo, as famílias e a comunidade.

TERCEIRO TEMA

O AMBIENTE EDUCATIVO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I - HISTÓRIA DA IDÉIA

II - AMBIENTE EDUCATIVO E IDEOLOGIA

III- OS GRANDES SETORES DO AMBIENTE EDUCATIVO

IV--OS PROTAGONISTAS DO AMBIENTE EDUCATIVO

V- O DINAMISMO DO AMBIENTE EDUCATIVO

VI- AS ÁREAS DO AMBIENTE EDUCATIVO

INTRODUÇÃO

A base do ambiente educativo é esta afirmação simples e quase evidente: A pessoa se educa mais pelas situações que vive do que pelas matérias de ensino. É uma evidência que todos temos experimentados: por exemplo, o ambiente familiar tem muito mais peso do que as aulas de moral. Infelizmente não tiramos todas as conseqüências desse princípio.

I- HISTÓRIA DA IDÉIA:

O ambiente do lar é uma realidade universal: a preocupação dos pais e da sociedade. O bom exemplo em casa. A escola foi, durante muito tempo, a distribuidora do saber.

A idéia do ambiente educativo no lar era puramente empírica, salvo num caso considerado interessante: a vida monástica considerada como escola de vida (ver regra de S. Benedito) e a demais com um enfoque de formação permanente: não há nada de novo. Há pensamento educativo.

A noção "não religiosa" aparece com Rabelais, Montaigne e depois segue com Descartes, Rousseau. Os jesuítas que inspiram todas as congregações religiosas que tem alunos internados.

Quase todos os pedagogos modernos (Pestalozzi, Spencer, Decroly, Dervey, Montessori, dão uma importância decisiva ao que faz e vive o aluno. Mas é importante constatar que suas idéias se aplicam somente na periferia do sistema educativo: Jardim de Infância, escola para anormais e algumas escolas experimentais (Decroly-Escola nova). E às vezes também nos primeiros anos de primário. Fora disso, todos os professores recebem cursos sobre ambiente educativo. Mas tal preocupação no ensino primário, secundário e superior se limita geralmente em disciplina.

A relação humana professor-aluno e aluno-professor nasce e desenvolve segundo as leis do saber.

II- AMBIENTE EDUCATIVO E IDEOLOGIA:

Afirmamos que toda a situação tem conduta educativa. Não existe educação neutra. Pois a construção do ambiente educativo precisa reflexão e escolha filosófica, antropológica social, cultural e política. Caso contrário o mesmo, como todo processo educativo, irá ficar sem bússola, o que quer dizer, na prática uma bússola consciente e inconsciente de cada monitor e as pressões da sociedade.

Dentro de uma concepção dinâmica do homem, não se trata de ter definido já no começo um sistema ideológico fechado. Mas sim aceitar e organizar um esforço permanente de elaboração, explicitação da concepção da sociedade.

Nesta linha, face à advertência que as idéias desta exposição não são neutras, expressam uma outra idéia sobre o homem e a sociedade.

III- OS GRANDES SETORES DO AMBIENTE EDUCATIVO

São os setores da vida da pessoa em si:

- III.1. Biológico - pulsional: Alimentação, sono, saúde, limpeza, vida social, jogos-esportes, etc... atividades físicas, para responder as necessidades físicas e para o desenvolvimento psicomotor.
- III.2. Vida afetiva: Necessidade de encontrar uma relação afetiva equilibrada, (dar e receber) profunda e não somente a nível de namoro ou companheirismo superficial e sim aberta evitando exclusão, às necessidades da intimidade.
- III.3. Vida Intelectual: Precisa de condições e estímulos, intercâmbio, espaço material, abertura desde o nível igual ao outro até o nível universal.
- III.4. Vida Social: O aluno necessita de situar-se no grupo, que por sua vez como ser autônomo, solitário e co-responsável.

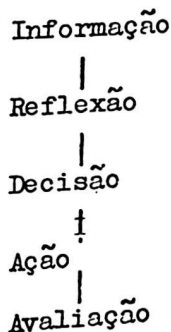
IV- OS PROTAGONISTAS DO AMBIENTE EDUCATIVO:

- Os alunos como pessoas e como grupo.
- Os monitores como pessoas e como grupo.
- Os pais como pessoas e como grupos.

Insistimos sobre a dupla identidade: pessoal e grupal, marcada por uma visão social e grupal do homem. O conjunto é uma nova personalidade: A EFA.

V- O DINAMISMO DO AMBIENTE EDUCATIVO:

É o processo mesmo do sistema EFA: Ação-----Reflexão, de cada pessoa, de cada grupo, dos grupos integrantes e do grupo total. Por outro lado podemos detalhar mais utilizando o mesmo conceito de processo educativo ao processo de participação dos pais:



O objetivo é que cada pessoa e grupo atue em cada fase do processo de modo cada vez mais autônomo: expressando sua personalidade e cada vez mais integrado: refletindo e atuando com e para todos.

Mais é um processo. Deve ter um conta a maturidade dos jovens: o nível reflexão e decisão por exemplo não pode ser o mesmo de 14 à 17 anos. Também pode ser o mesmo nos monitores e nos alunos. - Tem que apresentar-se como uma progressão.

Evidentemente, sendo uma problemática grupal, se vai colocar o mesmo problema da estrutura e de papéis que em qualquer vida grupal.

VI- AS ÁREAS DO "AMBIENTE EDUCATIVO"

Chama-se área educativa: o conjunto operacional de pessoas, atividades, normas comuns.

VI.1. O espaço, o tempo, a vida material, social dos alunos, pais e monitores. O espaço deve permitir por sua vez a socialização e a personalização: a vida, o trabalho pessoal e grupal dos alunos, pais, monitores, dentro da EFA. A socialização significa ter em conta: vida biológica, pulsional, afetiva, intelectual, dando no conjunto uma UNIDADE.

O tempo: - As mesmas considerações acima.

A organização material: limpeza, esporte, comida.

Os Monitores: Tem um papel decisivo no ambiente Educativo.

- equilíbrio pessoal de cada membro da equipe: físico, afetivo, intelectual. Não se trata que os monitores tenham todas as qualidades mas que tenham algumas características mínimas para desempenhar-se como monitor. Caso não as tenha é motivo de seleção antes e durante a formação (perfil e avaliação).

- Ter o mínimo de relação afetiva positiva (empatia) relacionada com o precedente (equilíbrio) e com a constituição do grupo.

- Trabalho de reflexão em equipe.

- Planejamento em equipe.

- Observações da regra do jogo por equipe e unidade de critérios frente aos alunos.

- Capacidade técnica de organizar o ambiente educativo: conhecimento das bases da EFA. Conhecimento das técnicas de vida grupal.

Os Alunos: Durante os 03 anos, as alunos tem - que descobrir e assumir profissionalmente:

- O sentido e as disciplinas de uma vida pessoal (física, pulsional, afetiva e intelectual).

- O sentido e as disciplinas de uma grupal baseada numa democracia com participação de todos. (Também os aspectos físicos).

- Atenção de cada um para que tenha um papel no grupo.

- Auto-disciplina pessoal e grupal.
- A aprendizagem do trabalho intelectual, pessoal e grupal não escolar.
- A aprendizagem da ação grupal: (informação e reflexão).
- A avaliação.
- O Equilíbrio afetivo.

- Os pais: Tem que entrar progressivamente no ambiente educativo, por intermédio de contatos com monitores, diálogo com seus filhos, reuniões com os monitores e com os alunos.

A relação monitor-aluno: necessidade de encontrar um equilíbrio: Os alunos precisam de uma relação com os monitores, mas também precisam viver sozinhos. Os monitores tem que cuidar ao equilíbrio de relação afetiva (preferência ou rejeição) tanto na relação monitor-aluno e como também na relação aluno-aluno.

VI.2. Regras do Jogo: É o conjunto de normas aceitas por todos como base de vida em EFA dentro destas:

- Umãs são comuns a todo o movimento.
- Outras são elaboradas pelos pais e monitores em cada EFA.
- Outras podem ser elaboradas entre monitores-alunos e progressivamente pelos alunos em si, submetidas depois a equipe de monitores.

NOTA: É preciso que essas "regras do jogo" sejam bem conhecidas e refletidas por todos.

VI.3. O Sistema de Avaliação: É o instrumento indispensável de regulamentação e melhoramento do próprio ambiente educativo. Todos têm que participar no processo de avaliação: os alunos monitores, e os pais.

É particularmente importante que os alunos aprendam a avaliar e avaliar-se. Para não ser subjetivo, esse processo de avaliação, deve-se referir às "regras do jogo" da EFA.

O sistema de avaliação se apoia sobre as regras do jogo e estas devem garantir a objetividade do ambiente educativo.

AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

1- Preparação do Seminário

- 1.1. Para a metade dos participantes os objetivos do Seminário não estavam claros. A outra metade dividiu-se em claros e relativamente claros. Também Jean Charpentier não tinha os objetivos específicos de sua vinda muito claros apesar de já ter uma idéia geral sobre os mesmos. Só após sua chegada foi que pode determinar melhor o seu trabalho com o grupo.
- 1.2. Informação sobre eles: Para a maioria a informação sobre os objetivos do seminário foi insuficiente e na última hora.
- 1.3. A maioria considerou a convocação em tempo. Não foi com mais antecedência por falha de confirmação da vinda de Charpentier.

2- O Trabalho

- 2.1. Todos foram unânime quanto à clareza dos conteúdos.
- 2.2. Para todos o método de trabalho foi bom permitindo a participação ativa de todos.
- 2.3. O grupo não é homogêneo, prejudicando os trabalhos.
- 2.4. O grupo ficou prejudicado pela falta de compromisso de alguns com o trabalho que se fazia: muita entradas e saídas e presenças esporádicas.
- 2.5. As regras do jogo enexistira ou não fora observada. Não estavam bem determinadas, o que prejudicou o trabalho.
- 2.6. Todos concordaram quanto a validade dos documentos elaborados no presente seminário.
- 2.7. Idem para qualidade das referências e das síntese.

RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES

1. Glória Miranda Volponi
2. Maria das Graças Sanson
3. Etelvino Ferraz
4. Valentin Augusto Marinato
5. Jair de Oliveira Bastos
6. Cleusa Maria Correa
7. Idalgiso José Monequi
8. José Francisco Taufner
9. Ednys Antonio Orlandi
10. Paolo Nosella.